

# OS ÍDOLOS AMAZÔNICOS DO SISTEMA INTEGRADO DE MUSEUS DO ESTADO DO PARÁ. GEMAS DE CARATER MÍSTICO DO IMAGINÁRIO DO GRANDE RIO.

Collyer, T<sup>1</sup>.; Sóstenes, S.; Amaro G<sup>1</sup>.; Resque, A. C., C.; Vasconcelos, M<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará; <sup>2</sup>Secretaria de Estado de Cultura do Pará/Sistema Integrado de Museus.

Citados desde 1540 pelos viajantes Gaspar Carvajal, Christóbal de Acuña e João Daniel, os ídolos de madeira e pedra atraíam sorte em caçadas, pescarias, guerras, partos e casamentos, além de proteção aos rituais xamânicos de inalação com suportes e tubos, do alucinógeno paricá. Sua presença na Amazônia sempre dividiu os pesquisadores, se autóctones ou simples objetos de troca com as regiões Andina e Caribenha. Atribuídos às regiões de Santarém, rios Trombetas e Nhamundá, lago Sapucúá, área da lendária tribo das Amazonas e da Cultura Konduri (1000 a 17000 anos DC). Gemas da arqueologia sul americana descritas por João Barbosa Rodrigues desde 1871, em “*Rio Tapajós: Exploração e Estudo do Vale do Amazonas*” e “*Ídolo Amazônico do Rio Amazonas*”, como originários da bacia do Orenoco, no Equador, Peru, Nicarágua, Colômbia ou Venezuela e trazidos através do escambo ou conquista de territórios pelos indígenas San Agustín. O historiador José Veríssimo, em 1883, sugeriu que também poderiam ser confeccionados na Amazônia, pois a forma de peixe acará-bararoá encontrada em exemplares era típica dos rios da Amazônia brasileira. Dois ídolos em esteatita e serpentina foram destaques no *XXIII Congresso Internacional dos Americanistas*, de 1928 em Nova York/EUA, descritos em “*Nouvelles découvertes d'idoles de l'Amazones*”, pelo Pe. Lisle du Dreneuc, do Museu de Nantes/ França, que os comprou do Padre Augusto Cullerre, da paróquia de Óbidos e que os havia roubados dos Konduri. Emílio Goeldi em “*Urnas funerárias de povos indígenas extintos e curiosos ídolos de barro e pedra da região amazônica*”, de 1908, apresentou a iconografia dos ídolos amazônicos, detalhando os ídolos de “barro” e os ídolos amazônicos de “pedra”, até então conhecidos. A classificação atual dessas estatuetas é dada como: Humano feminino (Hf); Humano masculino (Hm); Humano indefinível (Hi); Antropozoomorfo (HA); Animal reconhecível (Ar) e Animal indefinível (Ai). Os nove ídolos da Secretaria de Cultura do Estado do Pará têm motivos e elementos formais, que os remetem aos estilos e tradições líticas colombianas ou América Central. Seis têm formato Humano masculino (Hf) e três são Animal reconhecível (Ar) acará bararoá e peixe boi. Os seis primeiros foram confeccionados em actinolita, diabásio e argilo-minerais, e dois outros em magnesita e diabásio. Apesar de não serem encontradas na amazônia brasileira, grandes cristais ou aglomerados de actinolita e magnesita, estes são abundantes nas regiões de Pijao/Quindio e San Piedro de la Sierra, costa norte Colombiana, tradicionais priodutoras de magnesita, actinolita, nefrita e jadeita, além da Venezuela, nas regiões de Margarita, Estado Nueva Esparta e Manzanillo no Estado La Asunción. Todos são procedentes da região do Baixo Amazonas, foz do rio Caxueri, município de Juruti, da região do lago do Sapucúá e foz do rio Cachorro, município de Oriximiná. Têm dimensões de até 17X6,5 cm de altura e 13X8 cm de largura. Essa categoria de gemas arqueológicas carece ainda de estudos para seu melhor entendimento histórico/cultural. Atualmente, outros vinte e cinco ídolos encontram-se em acervos de museus brasileiros, americanos e europeus, tendo sido comprados, roubados ou “doados” na Amazônia.

GEMOLOGIA, ARQUEOLOGIA, GEODIVERSIDADE.